

CIES e-WORKING PAPER Nº 36/2007

**Das barreiras alfandegárias entre campos disciplinares:
breve ilustração a partir do caso sociologia e ciências da comunicação**

ANA ISABEL COUTO

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Ana Isabel Couto é licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e actualmente doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Neste momento colabora num projecto de investigação realizado em consórcio entre o Instituto de Sociologia da FLUP e o CIES-ISCTE, tendo vindo a trabalhar nas áreas da sociologia do trabalho e das organizações, sociologia da educação e da comunicação. E-mail: anaisabelcouto@gmail.com

Resumo:

Tendo como pano de fundo teórico-metodológico estudos da sociologia da ciência, pretendeu-se desenvolver no presente estudo uma breve aproximação às relações entre dois campos disciplinares vizinhos: sociologia, em particular o *subcampo de fronteira* da sociologia da comunicação, e as ciências da comunicação.

Estaremos perante dois contextos disciplinares que apresentam diferenças assinaláveis em termos de práticas e investigações desenvolvidas? Os resultados empíricos apresentados decorreram de uma análise densa das comunicações apresentadas durante o período temporal compreendido entre 1985 e 2005, em cada um dos campos, atentando a três variáveis centrais – principais actores e respectivas pertenças institucionais, linhas temáticas predominantes e estratégias metodológicas privilegiadas – sem perder de vista sinais de proximidade ou de afastamento entre as duas disciplinas científicas em análise.

Palavras-chave: sociologia da comunicação, ciências da comunicação, sociologia da ciência

Abstract:

Bearing in mind the theoretical and methodological framework of sociology of science, it is our purpose to develop a brief approach and reflection upon the relations between two neighbour scientific fields: sociology, particularly the borderline sub-field of sociology of communication, and the communication sciences.

Are there significant differences between the research developed in the field of sociology of communication and that developed within the communication sciences? The empirical data brought forward are the result of a thorough analysis on the papers presented between 1985 and 2005 in each field, with special attention to three main aspects – institutions and main agents, dominant themes and methodologies – and how they can signal both proximity and distance between the two scientific fields.

Key Words: sociology of communication, communication sciences, sociology of science

1. Introdução

A querela das *barreiras alfandegárias*¹ entre campos disciplinares não é nova. A definição de objectos de estudo, de metodologias e de fronteiras entre as disciplinas científicas decorre de um complexo, e já antigo, confronto de lógicas e especificidades internas, mas também de *idiosincrasias institucionais*, de autonomias territoriais e de relações de poder.

Assim, e na esteira de Bourdieu (2001), a estrutura de um campo científico é definida, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas desse confronto e de acordo com o capital – volume e composição – cumulativamente reunido. Importantes estudos sociológicos sobre ciência e conhecimento, nomeadamente de Merton (1972) ou Bourdieu (2001), enquadram analiticamente estas questões e evidenciam a importância reflexiva retomada por esta temática no seio da produção científica em ciências sociais².

Tendo portanto como pano de fundo teórico-metodológico estes estudos propomo-nos, nas páginas que se seguem, ilustrar algumas destas questões partindo de dois contextos disciplinares vizinhos: sociologia, em particular o *sub-campo de fronteira* da sociologia da comunicação e media, e as ciências da comunicação³.

Dada a sensibilidade da temática, é importante tecer, desde logo, algumas ressalvas preliminares. Não é nosso objectivo questionar a legitimidade ou relevância científica dos campos disciplinares indicados. Nem tão pouco pretendemos expor uma análise permeável a impulsos dicotómicos – sociologia da comunicação *versus* ciências da comunicação – que, como refere Snow (1965), se revelam frequentemente perigosos. Os nossos objectivos são, portanto, analíticos.

Pretendemos, por conseguinte, com base num trabalho teoricamente orientado e empiricamente fundamentado, averiguar e perceber quais as características específicas que definem e justificam a existência de dois campos disciplinares distintos, no seio das ciências sociais, centrados, por definição, na análise dos fenómenos de comunicação e media.

Os objectivos explicitados decorreram de um conjunto de questões que aqui apresentamos de uma forma muito sintética: estaremos, então, perante dois campos disciplinares que apresentam diferenças assinaláveis em termos de práticas e investigações desenvolvidas? Ou, pelo contrário, existirá uma agenda de investigação comum entre a sociologia da comunicação e as ciências da comunicação? A existir uma agenda de investigação comum, em que é que diferem? Nas metodologias utilizadas? Nos enfoques temáticos privilegiados? Quais os protagonistas das duas áreas e como se relacionam? É possível identificar os ditos *bridging weak ties*, na senda da *network*

¹ Na terminologia utilizada por Fernand Braudel, a propósito das *obstinadas lutas de definição de fronteiras e superioridades* que possam ou não existir entre as diferentes disciplinas que integram o *mercado comum* das ciências sociais (1982: 7)

² Na investigação que aqui se apresenta, não iremos desenvolver em termos teóricos-conceituais, com a atenção exigida, estes estudos. Servem, portanto, propósitos de enquadramento teórico-metodológico. Orientam e informam teoricamente o trabalho *de* investigação *sobre* investigação realizado.

³ O presente trabalho resulta de uma investigação desenvolvida no âmbito da unidade curricular “Investigação Sociológica em Portugal”, do programa de doutoramento em Sociologia do ISCTE, coordenada pelo Professor Fernando Luís Machado.

analysis (Grannovetter, 1983)? Estaremos perante duas disciplinas científicas contíguas que vivenciam um *clima de incompreensão* entre si (Braudel, 1982)?

Em termos metodológicos, o trabalho⁴ pautou-se por uma análise rigorosa e concertada das actas dos principais congressos organizados pelas associações de cada uma das sedes disciplinares – Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), para o período temporal compreendido entre 1985 e 2005. Foram subsequentemente integradas na análise as cinco primeiras edições do Congresso Português de Sociologia (que nos reportam para os anos de 1988, 1992, 1996, 2000 e 2004) e as quatro primeiras edições do Congresso da SOPCOM (1999, 2001, 2004, 2005)⁵. Destes encontros analisou-se, em profundidade, todas as comunicações que contemplassem uma abordagem de alguma forma sociológica de fenómenos de comunicação ou media. O trabalho de selecção alicerçou-se, portanto, na identificação de comunicações sobre questões de comunicação ou media nos encontros de sociologia, e na identificação de comunicações que contemplassem uma abordagem sociológica destes fenómenos, nos encontros sobre ciências da comunicação. Dois aspectos a salientar em relação ao processo de selecção: (i) foram incluídas para análise somente as comunicações de autores portugueses, ou comunicações cujo conteúdo e estudos se reportassem à realidade portuguesa; (ii) as comunicações apresentadas em *sessões temáticas* ou *grupos de trabalho* são predominantes na análise. Contudo, apesar das *sessões plenárias* configurarem uma lógica de participação diferente dos grupos de trabalho (Lobo, 1996), optamos por não deixar de as sistematizar na nossa análise.

O processo de triagem de comunicações analiticamente relevantes e adequadas aos objectivos do estudo revelou-se uma tarefa, para além de morosa, extremamente complexa dado o elevado grau de subjectividade envolvido. Ao contrário do que acontece em outros campos disciplinares, como o das ciências da educação (Abrantes, 2004), nas associações em análise não existe um núcleo estabelecido de “sociologia da comunicação”, o que obrigou a um trabalho aturado e cuidado das actas compiladas para os diferentes encontros das duas áreas e dispersas por diferentes grupos de trabalho. De resto, este trabalho só foi facilitado no último congresso organizado pela SOPCOM, em que podemos encontrar um grupo de trabalho específico designado de “sociologia da comunicação”⁶. A amostra integrou, assim, 61 comunicações: 31 pertencentes à sociologia e 30 pertencentes às ciências da comunicação.

⁴ O estudo que aqui se apresenta decorre da leitura e análise atenta do trabalho desenvolvido por Pedro Abrantes (2004) para os campos da sociologia e das ciências da educação. De facto, partilhamos algumas das inquietações apresentadas pelo autor, nomeadamente no que se refere a eventuais riscos de incursão em processos de “esquizofrenia científica” decorrentes de um espartilhar analítico e disciplinar dos fenómenos sociais. O percurso empírico realizado seguiu de perto o trabalho desenvolvido por Abrantes (2004), partindo não só do *mesmo* material empírico – actas dos principais congressos –, mas também dos mesmos indicadores analíticos privilegiados, como oportunamente veremos.

⁵ Não deixa de ser importante atentar ao desfasamento temporal entre a data de realização do primeiro Congresso de Sociologia – ano de 1988 – e a data do primeiro Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – 1999, que evidencia a juventude desta última. Por outro lado, “na viragem do século”, isto é, no discurso de abertura do I congresso português de sociologia, João Ferreira de Almeida referia-se àquele momento enquanto um *ponto de chegada* próprio de comunidades científicas que atingiram uma *velocidade de cruzeiro* (1990) e um momento de partilha de um trajecto colectivo já construído (e em construção obviamente). Por sua vez, José Bragança de Miranda e Joel Frederico da Silveira, então presidentes da comissão organizadora do I congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (também ele próprio denominado e enquadrado no momento “de viragem do século”) referem-se ao primeiro congresso numa óptica que tende a colocar a tónica no facto deste representar antes um *ponto de partida*, capaz de *abrir perspectivas para o seu desenvolvimento e fortalecimento* (2002).

⁶ Critérios *etic* presidiram o processo de selecção. Valeria a pena, num trabalho posterior mais aprofundado, um confronto com critérios *emic*.

Valerá a pena abrir aqui um breve parêntesis a respeito dos congressos científicos. É certo que estes congressos não reúnem, nem representam, a totalidade da produção científica desenvolvida neste domínio, em Portugal, para o período temporal de 1985 a 2005. Contudo, é, igualmente, inegável o facto destes constituírem um observável privilegiado do *estado da arte* de qualquer campo disciplinar. Os congressos científicos, para além de representarem importantes marcos de institucionalização das disciplinas científicas, representam, igualmente, um importante contexto de confluência de experiências, de estádios de conhecimento, de equipas e respectivas práticas de investigação, permitindo uma visão diacrónica e evolutiva dos campos disciplinares. Assumem-se, portanto, não só enquanto um “ ‘património’ imprescindível de cumulatividade reflexiva” (Lobo, 1996)⁷, mas também enquanto “importantes ocasiões de reforço de visibilidade” (Almeida, 1999) e de “consolidação da imagem pública” (Machado, 1996: 57).

As actas dos congressos analisadas pretendem constituir, assim, uma amostra (desprovida de pretensões de representatividade) capaz de fornecer pistas elucidativas e indicativas de práticas de investigação específicas dos dois campos disciplinares em análise. De resto, consideramos que a mudança do enfoque analítico – para as revistas científicas das áreas ou para as teses de doutoramento desenvolvidas, por exemplo – poderia eventualmente evidenciar algumas variações face aos resultados obtidos na presente investigação. Daí que na análise das conclusões aqui apresentadas não devemos perder de vista o recorte empírico a que se reportam.

2. Sociologia e ciências da comunicação: breves apontamentos sobre questões de interdisciplinaridade

A proximidade entre a sociologia e as ciências da comunicação parece ser uma evidência relativamente assumida. O recurso a contributos oriundos da sociologia é determinado, entre outros aspectos, pelo decurso (mais jovem) das ciências da comunicação. O próprio objecto(s) de estudo desta área é, segundo alguns investigadores, intrinsecamente interdisciplinar (Oliveira, 2002: 9), aproximando-se assim da interessante definição de “problemáticas incontornáveis”, proposta por João Ferrão - “problemáticas dificilmente ignoráveis, no contexto actual, para qualquer das ciências sociais, funcionando como catalisadores eficazes da interdisciplinaridade” (1996:3). Estamos, por conseguinte, perante objectos de estudo, cuja complexidade e amplitude, tendem a convocar assiduamente práticas de interdisciplinaridade. Especialistas das ciências da comunicação reconhecem precisamente a “necessidade de interpretar os fenómenos da comunicação numa perspectiva integral (...) apelando para todos os campos de saber que, de uma maneira ou outra, possam contribuir para a compreensão destes fenómenos (...) a sociologia constitui uma das disciplinas mais importantes para a compreensão das relações entre comunicação e cultura” (Ferin, 2002:148). Neste apelo de interdisciplinaridade é visível a influência da sociologia na

⁷ O estudo apresentado pela autora constitui mais um exemplo de investigações cujo material empírico de suporte e análise são os congressos científicos. De facto, consideramos que uma análise *distanciada* (porque *a posteriori*) e atenta do modo de estruturação dos congressos, leia-se – arranjos temáticos, grupos de trabalho construídos, temáticas privilegiadas, protagonistas presentes nas sessões plenárias – permite-nos uma visão global das *regras de jogo* dos campos. Por outro lado, um nível mais micro de análise, ou seja a análise cuidada das próprias comunicações, pode oferecer uma interessante matriz de tendências e práticas de investigação nos campos se atentarmos, por exemplo, ao número de comunicações individuais e colectivas, ao número de autores de comunicações por sexo, entre outros aspectos.

estruturação deste novo campo de saber, sendo que muitas das Teorias da Comunicação são oriundas da sociologia (*idem*: 62).

É certo que os processos de construção da disciplinaridade beneficiam do recurso a outras disciplinas e áreas de saber, sobretudo quando o recurso à interdisciplinaridade é *gerido* de um modo prudente, apostando, no momento de formação disciplinar, em processos mais selectivos de interdisciplinaridade (*inclusão selectiva*) e, posteriormente, em práticas disciplinares permeáveis a soluções abertas de interdisciplinaridade (*integração activa*), como nos refere João Ferrão (1996: 5). Contudo, para o caso das ciências da comunicação esse recurso tende a ser caracterizado como penalizador.

É consensualmente aceite, entre os agentes envolvidos nos dois contextos disciplinares, que, se a confluência de agentes e saberes de diferentes áreas de saber constituiu, num primeiro momento, uma alavanca para a constituição do campo das ciências da comunicação, posteriormente, veio afigurar-se como um dos principais escolhos no processo de conquista e de determinação da sua autonomia e identidade.

Ao contrário do que aconteceu com a sociologia, que “se habituou ao convívio com referências múltiplas, com corpos teóricos, mais ou menos coerentes, propondo pistas de investigação e instrumentos diferenciados” (Almeida, 1990: 21), as ciências da comunicação ainda se debatem com desafios epistemológicos respeitantes quer a necessidades de delimitação temática, quer de definição de objectos de investigação, quer de afinamento de procedimentos metodológicos para o estudo de fenómenos de comunicação e media (Ferin, 2002: 149).

As práticas de interdisciplinaridade neste domínio tendem, igualmente, a levantar algumas reticências. Segundo Isabel Ferin, “este esforço de apropriação conceptual realizado pelos investigadores de Ciências da Comunicação, tem sido constantemente desvalorizado, quer pelas disciplinas constituídas, que há muito legitimaram o seu campo, quer pelos profissionais da Comunicação, eles também legitimados pelas práticas do quotidiano” (*idem*: 31).

As questões de interdisciplinaridade, com que se fecha o tópico anterior, inauguram novos pontos de discussão – nomeadamente no que respeita a discussões sobre se “será necessário ‘disciplinar’ primeiro, para depois ‘interdisciplinar’”, ou se “será a prévia endogeneização de conhecimentos provenientes de outras disciplinas uma condição de qualidade disciplinar” (Ferrão, 1996) – sobre os quais não iremos incidir alongadamente dado os objectivos da investigação.

3. O campo das ciências da comunicação: breves apontamentos contextualizadores

Toda a estrutura analítica que visa explicar ou clarificar as relações entre os dois (sub)campos disciplinares em análise deve ser capaz de reconhecer a especificidade do processo de emergência do campo das ciências da comunicação: é uma especificidade demasiado importante e central na explicação da proximidade entre os dois campos, em particular, e na prossecução dos objectivos do presente estudo, em geral.

O primeiro curso superior de ciências da comunicação remonta-nos ao ano de 1979, aquando da abertura de uma *Licenciatura em Comunicação Social* na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade de Lisboa. Mais tarde, nos finais da década de oitenta, registou-se, com uma denominação consensual, uma “explosão” de cursos superiores na área das ciências da comunicação, sob diferentes designações, em diferentes instituições de ensino superior, quer públicas, quer privadas. Para esta *explosão* contribuiu um conjunto de condições políticas, económicas e sociais

favoráveis. José Rebelo (2002) identifica quatro factores principais que poderão estar na sua origem: em primeiro lugar, a própria evolução do campo dos media – “privatizações, criação de novos jornais diários e de revistas especializadas, proliferação de estações de rádio, acesso de operadores privados à produção televisiva”; em segundo lugar, factores relacionados com a dinamização crescente da administração pública central e local; em terceiro lugar, a dinamização do tecido empresarial, que veio criar novas oportunidades profissionais, sobretudo ao nível das áreas da publicidade e relações públicas; e por último, as alterações introduzidas no sistema de ensino superior, com a expansão das universidades privadas e o incremento do ensino politécnico, não poderiam deixar de ter reflexos na área das ciências da comunicação: em 1996 reunia cerca de 6500 alunos, distribuídos pelos então 40 cursos existentes (Mesquita e Ponte, 1997).

Ora, se a expansão da área em termos profissionais e de visibilidade social é evidente, o mesmo não se pode afirmar no que toca à afirmação do campo científico. Inúmeros trabalhos tendem a diagnosticar as fragilidades e insuficiências do campo das ciências da comunicação, bem como a avançar com alguns factores explicativos (Mesquita, 1999; Rebelo, 2002; Oliveira, 2002; Ferin, 2004). Fragilidades quer ao nível do ensino, quer ao nível da investigação são reconhecidas por agentes *outsiders* e *insiders* do campo das ciências da comunicação. O Ministério da Educação registou igualmente as insuficiências da área no decorrer do processo de avaliação encabeçado pelas duas comissões constituídas para o efeito (Rebelo, 2002:138). Em 2005, os relatórios de avaliação das oito unidades de investigação registadas na Fundação para a Ciência e a Tecnologia apontavam ainda para um necessário trabalho de consolidação da área. Uma breve consulta das apreciações globais atribuídas às unidades de I&D evidencia isso mesmo.

No que respeita ao domínio do ensino, José Rebelo considera que o modo de emergência deste campo desembocou num conjunto de dificuldades que vieram amplificar o carácter indefinido das ciências da comunicação: (i) dificuldades na definição do objecto de ensino que tende a confundir jornalismo, comunicação, relações públicas e publicidade⁸; (ii) dificuldades na definição dos destinatários dos cursos, que implicou a reunião de alunos heterogéneos e com fins diferenciados; (iii) dificuldades de adequação dos conteúdos à realidade motivadas pela ausência de um modelo de ensino teórico e metodologicamente estabilizado, e por um corpo docente jovem, maioritariamente formado no estrangeiro, que surge para dar resposta ao surgimento veloz de bacharelatos e licenciaturas (2002: 132). Segundo o mesmo autor, da experiência acumulada por este campo disciplinar há que salientar o *excesso de improvisação* (*idem*: 136).

No que se refere ao estágio de desenvolvimento do domínio da investigação, Paquete de Oliveira refere a existência de um «contexto genético» – que imbrica numa mesma rede causal investigadores, práticas metodológicas, objecto de estudo, encomendadores de estudos na área – propiciador de um campo disciplinar difuso e híbrido fortemente penalizado por um atraso da «corporização» da investigação (2002: 9).

Algumas das especificidades apontadas por Paquete de Oliveira na caracterização do *contexto genético*, no qual as ciências da comunicação se encontram

⁸ Este problema é claramente evidente nas designações dos cursos na área da comunicação. Multiplicam-se designações diferenciadas ao nível semântico, que nem sempre correspondem a diferenciações de substância teórica ou prática (Mesquita e Ponte, 1997), contribuindo, deste modo, para o agudizar da indefinição identitária da área. Segundo Mário Mesquita (1999), “a definição das ciências da comunicação, enquanto área de saber, campo de investigação e conjunto de cursos universitários, está longe de corresponder a um consenso” o que poderá explicar o retardar da conquista de uma posição clara no campo científico.

incrustadas, são: o tardio início do ensino de ciências da comunicação que induziu a condicionamentos vários no domínio da investigação; a origem pluridisciplinar dos primeiros «agentes envolvidos» em projectos de investigação, particularmente das áreas da sociologia (desde cedo se registou uma aproximação entre as duas áreas), da psicologia, da antropologia, da filosofia que se traduziu em constrangimentos vários na definição de uma linha programática de investigação estabilizada; as suspeitas sobre a «idoneidade» da área enquanto disciplina científica, lançadas pela Academia; um incipiente financiamento da investigação; a complexidade que caracteriza o estatuto teórico, metodológico e epistemológico deste campo de saber, fortemente contaminado por um “reportório teórico” de outras disciplinas; a *jovialidade* metodológica; um objecto de estudo definido como “vasto, complexo, multidimensional” que torna incontornável uma interdisciplinaridade (nem sempre *gerida* de um modo prudente) (2002: 8-9).

Neste quadro, podemos observar que as ciências da comunicação, por comparação com outras sedes disciplinares já constituídas como a sociologia, a psicologia, entre outras, assumem características do que João Ferrão, a propósito dos *vaivéns indispensáveis de interdisciplinaridade*, denomina de “pequenos países periféricos: “ (i) grande abertura a montante (forte incorporação de teorias, métodos e técnicas provenientes de outras disciplinas); (ii) dificuldade em consolidar um “mercado interno” coeso (pluralismo fragmentador); (iii) incapacidade exportadora (reduzida influência sobre outras disciplinas); (iv) evolução estruturalmente dependente (interferência de áreas disciplinares com maior poder de reflexão epistemológica, teórica e estratégica) (Ferrão, 1996). De igual modo, talvez ganhe particular sentido a previsão de Mário Mesquita, aquando do discurso de introdução à mesa-redonda subordinada ao tema «ensino e investigação em ciências da comunicação – fronteiras e (in)certezas da comunicação», proferido no primeiro congresso da associação portuguesa das ciências da comunicação: “Neste contexto, atrevo-me a prever que esta área está destinada a viver longe do conforto e comodidade que lhe proporcionaríamos as delimitações rigorosas e as inspirações teóricas unívocas” (1999: 98).

A par destes desenvolvimentos irregulares, quer para o domínio da investigação, quer para o domínio do ensino, as ciências da comunicação vieram, paulatinamente, a assumir-se como um *campo institucional total*, reunindo toda a aparelhagem institucional que *faz* um campo científico: (i) crescimento do ensino graduado e consolidação do ensino pós-graduado (sobretudo ao nível da organização de mestrados); (ii) edição de revistas científicas, tais como *Comunicação e Linguagens*, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa, *Comunicação e Sociedade*, da Universidade do Minho (que regista uma produção científica assinalável nesta área), *Trajectos* do ISCTE (que reúne os trabalhos de uma equipa de investigadores e sociólogos da comunicação), *Caleidoscópico*, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, entre outras; (iii) fundação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM) em Fevereiro de 1998 e posterior realização do primeiro congresso de ciências da comunicação em Março de 1999; (iv) alguns marcos de internacionalização fazem-se sentir na realização de encontros internacionais, em 2001, no âmbito da Fundação Lusófona de Ciências da Comunicação (LUSOCOM); (v) finalmente, a criação do Observatório da Comunicação⁹ e a proliferação de centros de investigação associados a diferentes instituições de ensino superior.

⁹ Actualmente presidido por um sociólogo, Gustavo Cardoso que, em conjunto com outros investigadores, têm vindo a desenvolver produção relevante na área da sociologia da comunicação, corroborando o que já foi anteriormente dito: os congressos não esgotam a produção científica desenvolvida para estes domínios.

4. Da relação entre *sociologia e ciências da comunicação*: análise de indicadores centrais estruturadores dos campos disciplinares

Neste ensaio, a aproximação ao estudo das relações entre os campos disciplinares da sociologia e das ciências da comunicação é feita a partir de três indicadores centrais: protagonistas e instituições, linhas temáticas privilegiadas e estratégias metodológicas dominantes.

Não correspondendo ao universo da produção científica sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação ou media realizada em Portugal, ao longo dos anos de 1985 e 2005, nem a uma amostra representativa desse universo, como já foi anteriormente referido, as actas dos congressos realizados pelas duas sedes disciplinares são um bom ponto de partida para perceber como se articulam estes indicadores.

4.1. Actores e instituições

A identificação dos autores de comunicações sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação e media, e das respectivas pertenças institucionais¹⁰, contribui para um esboço do retrato individual de cada sede disciplinar (em termos de equipas e instituições), bem como para um esboço do retrato articulado dos campos, nomeadamente ao nível das relações entre agentes e instituições.

A análise do Quadro 1 sugere, neste sentido, as seguintes tendências: do lado da sociologia, as instituições e respectivos profissionais que tendem a dedicar-se ao estudo destes fenómenos são: o ISCTE e CIES-ISCTE – que reúne 35% dos autores das comunicações –, seguida da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e, finalmente, a Universidade do Minho. A concentração na região de Lisboa dos estudos de cariz sociológico sobre estes fenómenos é, contudo, evidente – 58% dos autores de comunicações integram instituições universitárias desta zona. Nos congressos da APS foi possível registar um número assinalável de comunicações que versam sobre reflexões teóricas e resultados provisórios decorrentes das investigações de mestrado, que maioritariamente integram o Mestrado em Comunicação, Cultura e Ciências da Informação, um dos mais procurados do Departamento de Sociologia do ISCTE. O domínio de comunicações de autoria individual no campo sociológico poderá indiciar um número reduzido de projectos de investigação colectivos neste domínio, durante o período em estudo. As comunicações de autoria individual são, de resto, dominantes nos dois contextos disciplinares.

Do lado das ciências da comunicação, a dispersão das instituições é superior, sendo contudo de destacar a Universidade do Minho (Departamento de Ciências da Comunicação e centros associados) e, curiosamente, o ISCTE e CIES-ISCTE. Este tende, com efeito, a marcar uma forte presença nos congressos da SOPCOM, o que sugere a existência dos ditos *bridging weak ties* (Granovetter, 1983: 208) que concedem força e fluidez ao funcionamento da *rede* e tendem a esbater as querelas entre doutrinas *insiders* e *outsiders* (Merton, 1972).

Importa atentar a uma peculiaridade neste movimento de circulação de agentes. De facto, este movimento tende a não privilegiar um sentido. Podemos encontrar

¹⁰ No registo das pertenças institucionais foram devidamente contabilizados os casos de autores de comunicações com pertenças institucionais diversas ao longo do seu percurso.

investigadores com comunicações em sociologia da comunicação nos congressos das ciências da comunicação, e vice-versa. As grelhas de sistematização das comunicações por campo disciplinar elaboradas permitiram identificar os seguintes investigadores com comunicações em sociologia da comunicação, apresentadas em encontros das ciências da comunicação: José Luís Garcia, António Teixeira Fernandes, Susana Nascimento, Susana Henriques, Rita Espanha, Sandra Amaral e Gustavo Cardoso, entre outros. De registar igualmente, por exemplo, a presença de José Madureira Pinto numa das sessões plenárias do I Congresso da SOPCOM, o que evidencia sinais de proximidade entre as duas comunidades, bem como o registo de interdisciplinaridade em que se fundou esta disciplina. Do lado das ciências da comunicação, por sua vez, foi igualmente possível encontrar os seguintes investigadores nos encontros da sociologia: Ana Horta, Isabel Ferin, Manuel Pinto, Felisbela Lopes, entre outros.

Uma tendência particularmente curiosa no campo sociológico é que muitos dos investigadores referidos, nomeadamente Rita Espanha, Gustavo Cardoso, Susana Henriques só apresentaram comunicações sobre estes fenómenos nos encontros da SOPCOM, pelo menos no que se refere ao período temporal em análise. Poderíamos, a este respeito, equacionar se esta prática – alguns sociólogos tenderem a não partilhar os seus estudos na sua área de pertença – não poderá indiciar sinais de esvaziamento da sociologia em favor das ciências da comunicação (somente abordagens mais densas poderiam elucidar este tipo de questões). Mais curioso poderá ainda ser a quase ausência dos congressos das duas sedes disciplinares, de protagonistas como Paquete de Oliveira, que muito tem contribuído para o desenvolvimento deste campo de estudo em Portugal. As revistas científicas constituirão, possivelmente, os meios privilegiados para divulgação dos seus estudos.

Os investigadores identificados com comunicações sobre aspectos sociais de fenómenos de comunicação ou *media* nas duas áreas foram: Ana Horta, Isabel Ferin e Susana Nascimento.

Por outro lado, se podemos falar de uma crescente diversificação de papéis profissionais dos diplomados das duas áreas, então, o que se poderia esperar (e desejar) é que as abordagens deste fenómeno pudessem contar com contributos oriundos de profissionais extra-universitários, encorajando, deste modo, o aumento e descentralização dos protagonistas e lugares de prática da investigação neste domínio. Contudo, a investigação realizada ressalta uma tendência clara para uma predominância do contexto de ensino e investigação universitário, em ambos os campos disciplinares, e subsequente ausência nestes encontros de profissionais extra-universitários vocacionados para a investigação social de fenómenos de comunicação e media.

Quadro 1: Pertença institucional dos autores de comunicações sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação e media nos congressos da APS e SOPCOM, entre 1985 e 2005

Região	Instituição	Sociologia (%)	C.C. (%)
Aveiro	Universidade de Aveiro	--	3
Beira-Interior	Universidade da Beira-Interior	--	7
Castelo-Branco	ESG de Idanha-a-Nova	3	--
Coimbra	Faculdade de Economia da UC/CES	3	--
	Instituto de Estudos Jornalísticos/UC	--	7
Lisboa	ISCTE e CIES-ISCTE	35	20
	ICS/UL	10	3
	CICTS/UL	3	--
	FCSH - UNL	13	13
	ISPA	3	--
	Universidade Lusófona	3	--
	ESCS – IPL	3	10
	Universidade Católica Portuguesa	3	3
	Universidade do Minho/ ICS e		
Minho	CECS	13	23
Porto	Faculdade de Economia da UP	3	3
	Faculdade de Letras da UP	--	3
Outras	Não identificável	3	3

Nota: Valores percentuais obtidos com base no cálculo do número de comunicações de cada instituição, sobre o número total de comunicações.

4.2. Principais linhas temáticas

Se no que respeita à *variável* protagonistas e instituições parecem existir pontos de contacto e intersecções entre os dois campos disciplinares, importa agora atentar às *variáveis* temas e metodologias.

Relativamente às linhas temáticas, o trabalho de análise e sistematização das actas dos encontros das duas sedes disciplinares permitiram identificar seis grandes áreas temáticas.

Quadro 2: Linhas temáticas predominantes nas comunicações sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação ou media nos congressos da APS e SOPCOM, entre 1985 e 2005

Linhas temáticas	Sociologia (%)	C.C. (%)
Media, cultura e poder	32	33
Culturas profissionais dos jornalistas	16	3
As novas tecnologias de informação e Comunicação	10	7
Discursos e representações sociais de fenómenos/grupos sociais nos media	13	20
Estudos de recepção	10	3
Questões de identidade na sociedade em rede	3	13
Comunicação organizacional	0	10
Outros	16	10

Nota: Valores percentuais obtidos com base no cálculo do número de comunicações por linha temática, sobre o número total de comunicações.

Tanto quanto os dados empíricos recolhidos permitem mostrar, há um predomínio, para ambos os campos disciplinares, de estudos de cariz mais macro, centrados na relação entre media, cultura e poder – que reúnem, respectivamente, 32% e 33% das comunicações apresentadas (Quadro 2). Esta linha temática alberga investigações que vão desde reflexões em torno do potencial social emancipatório das novas tecnologias de comunicação e informação, relação entre media e opinião pública, o papel da televisão na construção de um novo espaço público, a estudos sobre os novos contextos de interacção social decorrentes do uso da *internet*, ou ainda sobre a relação entre media, identidade e novos estilos de vida e consumo.

A interpretação do Quadro 2 sugere, contudo, algumas variações na frequência das principais linhas de estudo identificadas. Do lado da sociologia da comunicação, ao contrário do que acontece no campo das ciências da comunicação, destaca-se, ainda, o estudo das culturas profissionais dos jornalistas (16%), ou seja, estudos sobre as trajectórias sociais deste grupo profissional, as suas práticas e condições de exercício da

profissão. A maior maturidade da sociologia poderá justificar o centramento neste tipo de reflexões¹¹.

A investigação sobre fenómenos de comunicação e media parece ser igualmente dominada, nos dois campos disciplinares, pelo estudo dos discursos e representações sociais de fenómenos (por exemplo, violência escolar) e grupos sociais (por exemplo, juventude, imigrantes africanos) nos media, em particular no contexto televisivo – esta é, de resto, uma tendência mais marcante no campo das ciências da comunicação, reunindo 20% das comunicações apresentadas. No campo sociológico, as abordagens tendem a colocar a tónica no papel dos media na reprodução cultural activa da ordem social e na análise de possíveis correspondências entre os discursos mediáticos e as estruturas sócio-cultural e simbólica. No campo das ciências da comunicação, apesar de este aspecto não ser negligenciado, parece existir um centramento na identificação de *exclusões* e *presenças* nos discursos mediáticos, o que se reflecte nas metodologias accionadas. Mas relativamente a este aspecto, lá iremos.

A terceira linha temática dominante neste campo é a que se refere a estudos sobre *questões de identidade na sociedade em rede* – que reúne 13% das comunicações – que, por natureza, convocam um conjunto de conhecimentos oriundos de diferentes áreas do saber, nomeadamente da psicologia, e reforçam o *carácter aventureiro* desta área por outras fronteiras disciplinares¹².

A hegemonia dos estudos televisivos é comum às duas áreas, sendo esta hegemonia partilhada, posteriormente, com o espaço da *internet*, acompanhando assim a evolução dos fenómenos de comunicação e media no tempo e sociedade actuais.

4.3. Estratégias metodológicas dominantes

Observemos, finalmente, como se estruturam as tendências metodológicas de investigação dos dois campos disciplinares, a partir do trabalho empírico realizado¹³.

No estudo sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação ou media, nos dois contextos disciplinares e no período temporal em análise, tendem a presidir estratégias metodológicas reflexivas e qualitativas, reunindo para o campo da sociologia 45% e 35% das comunicações, respectivamente, e 57% e 30% das comunicações, respectivamente, para o caso da ciências da comunicação (Quadro 3).

Com efeito, em ambos os contextos disciplinares tendem a dominar comunicações alicerçadas em reflexões diversas, não contemplando nenhuma referência directa a trabalhos empíricos¹⁴. Esta tendência é então seguida por estudos qualitativos

¹¹ Reunindo o mesmo valor percentual temos o campo denominado “outros”, que integra um conjunto de comunicações isoladas que versam sobre temas diferenciados, como o marketing social aplicado à saúde, ambiente e os meios de comunicação, usos da linguagem, discussões teórico-conceptuais, entre outros.

¹² Ou poderão reforçar, como também parece ser o caso, o facto das ciências da comunicação, quer queiram quer não, se encontrarem fortemente vulneráveis às *aventuras* por parte de outros *conquistadores* (permita-se-me as expressões).

¹³ A identificação e definição das estratégias metodológicas não foi um trabalho linear. Por um lado, porque as diferentes estratégias metodológicas recorrem, por natureza, a diferentes técnicas de investigação dificultando, como tal, o agrupamento das comunicações. Por outro, porque nem sempre estavam explicitamente referidas nas comunicações. Neste sentido, sempre que os autores das comunicações referenciavam claramente as metodologias utilizadas nos seus estudos, registou-se essas indicações. No que diz respeito às estratégias metodológicas quantitativas e qualitativas adoptamos a proposta de definição de Charles Ragin (1994); a “estatística”, por sua vez, refere-se a análises estatísticas produzidas por terceiros; por fim, por “reflexão” entendemos as comunicações assentes quer em problematizações teórico-conceptuais, quer em ensaios analíticos.

¹⁴ Tal evidência poderá levar a questionarmos se a crítica apontada por Joel Frederico da Silveira para o caso das investigações sobre o papel mediador dos media na comunicação política, sobretudo em períodos eleitorais, poderá ser alargada para aos restantes domínios de estudo: “Em Portugal e na ausência de estudos empíricos, a questão tem sido problematizada mais em termos opinativos do que empíricos” (2002: 736).

que tendem a privilegiar um caso e a explorar subsequentemente variadas características desse caso, analisando de forma integrada diferentes dimensões que daí decorrem.

Nos estudos de cariz qualitativo assistimos ao recurso sistemático da técnica de análise de conteúdo que resultam em análises quantitativas simples de dados e em categorizações temáticas. As metodologias de cariz qualitativo tendem a privilegiar os estudos de caso e a integrar, em termos temáticos, as investigações sobre os discursos mediáticos produzidos em relação a um grupo ou fenómeno social específico, num meio de comunicação em particular. De resto, os estudos empíricos das ciências da comunicação tendem precisamente a privilegiar os estudos centrados na Produção/*Encoding* (análise dos contextos e processos de codificação da mensagem) em detrimento de estudos centrados na Recepção/*Decoding* (que visam, por sua vez, os contextos e processos de descodificação) (Ferin, 2004: 9).

Quadro 3: Estratégias metodológicas dominantes nas comunicações sobre aspectos sociais dos fenómenos de comunicação ou media nos congressos da APS e SOPCOM, entre 1985 e 2005

Estratégias metodológicas	Sociologia (%)	C.C. (%)
Quantitativa	10	3
Qualitativa	35	30
Reflexão	45	57
Investigação-acção	3	0
Bibliográfica	3	7
Estatística	3	3

Nota: Valores percentuais obtidos com base no cálculo do número de comunicações por metodologia privilegiada, sobre o número total de comunicações.

Contudo, pequenas variações entre os campos disciplinares fazem-se igualmente sentir ao nível das metodologias utilizadas. O campo sociológico, ao contrário das ciências da comunicação, tende a convocar uma maior diversidade de estratégias metodológicas, que se aproximam das metodologias clássicas deste campo de saber. As ciências da comunicação parecem fixar-se nas metodologias reflexivas e qualitativas. Por fim, como podemos ver pela análise do Quadro 3, as restantes estratégias metodológicas registadas assumem, para os dois contextos disciplinares, valores residuais.

Finalmente, consideramos que uma análise articulada destas variáveis não poderá perder de vista o facto de que ao registar-se uma circulação de agentes dos dois campos nos encontros, tal tenderá a reflectir-se, por encadeamento, nas estratégias metodológicas e linhas temáticas representadas, dando força à ideia que não estamos perante dois domínios dicotómicos, mas sim em diálogo.

5. Notas conclusivas: sociologia da comunicação e ciências da comunicação – alguns sinais de proximidade

A análise que aqui termina não nos dá respostas unívocas ou conclusivas para as questões inicialmente colocadas. Abre, aliás, caminho para reflexões futuras mais alargadas. Embora tratando-se de uma breve aproximação ao campo das relações entre o contexto disciplinar da sociologia e o contexto disciplinar das ciências da comunicação, permite medrar com evidências empíricas (teoricamente informadas) algumas dimensões dessa relação e contribuir para uma discussão mais alargada em torno das fronteiras entre campos disciplinares.

Assim, pensamos estar em condições de concluir que existe uma assinalável proximidade entre o *sub-campo* da sociologia da comunicação e as ciências da comunicação. Essa proximidade é visível, entre outros aspectos, no *trânsito* de protagonistas entre os dois campos disciplinares, nos temas e metodologias privilegiadas (que tendem a evidenciar algumas sobreposições, como a análise dos dados empíricos recolhidos nos permitiu demonstrar), nos empréstimos teórico-conceptuais da sociologia às ciências da comunicação, ou mesmo, na presença, relativamente assídua, de sociólogos nas sessões plenárias dos congressos das ciências da comunicação, ou, ainda, nos cargos assumidos por sociólogos na associação científica principal desta sede disciplinar¹⁵.

Neste quadro, podemos concluir que a aproximação entre os dois domínios científicos se alicerça num movimento longo e não num impulso breve. O comprometimento da sociologia com as ciências da comunicação parece ser evidente, e vice-versa. As demarcações entre os dois campos não estão vincadas, apontando para a existência de um *clima de compreensão* (Braudel, 1982) entre os dois contextos disciplinares vizinhos estudados.¹⁶

Valerá a pena equacionar, por último, o que estará em causa neste jogo de articulação entre conhecimentos, práticas e contextos disciplinares. Consideramos que este comprometimento mútuo pode evidenciar dois aspectos: ou estamos perante campos disciplinares esvaziados de especificidades notórias e unidos por um carácter ainda híbrido e pouco definido, enquanto (sub)campos científicos autónomos e consolidados no seio das ciências sociais¹⁷; ou, pelo contrário, estamos perante dois contextos disciplinares que souberam gerir e criar *oportunidades criadoras*, que decorrem de *objectos de estudo de fronteira* (Snow, 1965:24). Abordagens futuras mais densas poderão ajudar a perceber de que lado está a tónica.

¹⁵ Um outro exemplo possível, paradigmático da proximidade e comprometimento dos dois campos, é o facto de um dos textos-síntese sobre a história e evolução do campo das ciências da comunicação, frequentemente citado no texto em presença (note-se que este tipo de exercício envolve por definição um forte conhecimento do domínio disciplinar e respectivos percursos evolutivos), ser da autoria de um *agente outsider* (ou talvez não) claramente apontado como um dos protagonistas do campo da sociologia da comunicação, José Paquete de Oliveira (2002).

¹⁶ De resto, desconhecemos algum episódio específico de controvérsia científica explícita. Parece-nos, aliás, que só uma análise minuciosa poderá encontrar sinais de *incompreensão* entre as duas disciplinas. Talvez o carácter ainda indefinido das ciências da comunicação (recorrentemente retratado na revisão da literatura realizada) e o forte comprometimento da sociologia da comunicação com estas justifiquem o alheamento em relação a querelas científicas assumidas. Para a relação entre este sub-campo da sociologia e as ciências da comunicação a discussão entre doutrinas *insiders* e doutrinas *outsiders* (Merton, 1972) parece não se colocar tão afincadamente.

¹⁷ Possivelmente esta questão coloca-se com mais premência para o campo das ciências da comunicação, até porque a sociologia da comunicação apresenta-se, não como um campo disciplinar com pretensões de autonomia, mas sim enquanto um *sub-campo* da sociologia, que há já algum tempo conquistou a sua maturidade e lugar no seio das ciências sociais.

Referências bibliográficas

Abrantes, Pedro (2004), “Sociologia e Ciências da Educação. A distância entre nós”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 45, pp. 117-130.

Almeida, Ana Nunes de, Bastos, Cristiana, Ferrão, João, Wall, Karin (1999), *Perfil da investigação científica em Portugal : antropologia, demografia, geografia e sociologia*, Lisboa, Ministério da Ciência e da Tecnologia, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Observatório das Ciências e das Tecnologias.

Almeida, João Ferreira de (1990), “Discurso de abertura do I Congresso Português de Sociologia”, em *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: Actas do I Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS, Fragmentos, PP. 15-22.

APS (1990), *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: Actas do I Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS, Fragmentos.

APS (1993), *Estruturas Sociais e Desenvolvimento: Actas do II Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS, Fragmentos.

APS (1996), *Práticas e Processos de Mudança Social: Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora (CD-ROM).

APS (2002), *Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos: Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora (CD-ROM).

APS (2004), *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção: Actas do V Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS (versão disponível On-Line).

Bourdieu, Pierre (2001), *Science de la Science et Reflexivité*, Paris, Raison d’Agir.

Braudel, Fernand (1982), *História e Ciências sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

Ferin, Isabel (2002), *Comunicação e culturas do quotidiano*, Lisboa, Quimera Editores.

Ferin, Isabel (2004), “Repensar a investigação empírica sobre os media e o jornalismo”, *Recensio, Revista de Recensões de Comunicação e Cultura* (<http://bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-metodologias.pdf>).

Ferrão, João (1996), “Disciplinar para interdisciplinar, interdisciplinar para disciplinar: contornos de um vaivém indispensável”, em *Práticas e Processos de Mudança Social: Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora.

Granovetter, Mark (1973), “The strenght of weak ties”, *American Journal of Sociology*, 78 (6), pp. 1360-1380.

Granovetter, Mark (1983), “The strenght of weak ties: a network theory revisited”, *Sociological Theory*, Volume I, pp. 201 – 233.

Lobo, Cristina (1996), “Os Congressos de Sociologia em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 20, pp. 113-130.

Machado, Fernando Luís (1996), “Profissionalização dos sociólogos em Portugal: factores, recomposições e implicações”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 20, pp. 43-103.

Machado, Fernando Luís (2007), “A Investigação sociológica em Portugal: documento de apoio e trabalho da unidade curricular do Programa de Doutoramento em Sociologia”.

Merton, Robert (1972), “Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge”, *American Journal of Sociology*, 78 (1), pp. 9-47.

Mesquita, Mário (1999), “Introdução à mesa-redonda «Ensino e investigação em ciências da comunicação». Fronteiras e (in)certezas da comunicação”, em *As Ciências da Comunicação na viragem do século*, *Actas do I Congresso da SOPCOM*, Lisboa, Vega Editora.

Oliveira, J. M. Paquete de (2002), “Metodologias e práticas em ciências «indisciplinadas»”, *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, 1, pp.7-10.

Ragin, Charles (1994), *Constructing Social Research. The Unity and Diversity Method*, Thousand Oaks, Pine Forge.

Rebelo, José (2002), “O ensino e a investigação das ciências da comunicação em Portugal”, *A comunicação: temas e argumentos*, Coimbra, Editora Minerva.

Snow, C. P. (1965), *As duas culturas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

SOPCOM (2002), *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século: Actas do I Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Lisboa, Vega Editora.

SOPCOM (2005), *Rumos da Sociedade da Comunicação: Actas do II Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Lisboa, Vega Editora.

SOPCOM (2004), *Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã: Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Covilhã, Universidade da Beira Interior (CD-ROM).

SOPCOM (2005), *Repensar os Media: Novos Contextos de Comunicação e Informação: Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Aveiro, Universidade de Aveiro (CD-ROM).